

MONGES DE PINHEIRINHO (1902): ENTRE O MESSIANISMO E A POLÍTICA

MONGES DE PINHEIRINHO (1902): ENTRE EL MESENISMO Y LA POLÍTICA

Fabian Filatow.

Doutor em História.

Prefeitura Municipal de Esteio e Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

fabianfilatow@gmail.com

RESUMO

O movimento dos Monges de Pinheirinho ocorreu no ano de 1902, numa localidade hoje pertencente aos municípios de Encantado e Roca Salles. Um acontecimento aparentemente esporádico e diminuto na história do Rio Grande do Sul, hoje quase esquecido, porém uma investigação mais acurada pode oferecer novas interpretações para o acontecimento. Este é o objetivo desta comunicação, apresentar a discussão na atual historiografia, cotejando-a com fontes documentais e também com a imprensa buscando dar maior visibilidade para a temática que envolve religião e política na história gaúcha e do Brasil. Vários acontecimentos envolvendo movimentos sociais com características religiosas marcaram a história nacional, dentre os mais conhecidos, no âmbito nacional, temos Canudos e o Contestado. No âmbito estadual podemos mencionar os Mucker, no período imperial e relacionado com a imigração alemã e também os Monges Barbudos, este último inserido nas mudanças ocorridas durante o primeiro governo Vargas e principalmente com a instauração do regime autoritário do Estado Novo em 1937. Neste sentido, buscamos apresentar algumas interpretações para os motivos que contribuíram para o conflito entre caboclos e imigrantes italianos da região do Vale do Taquari. Metodologicamente nos utilizamos da análise de conteúdo, analisando diferentes fontes que foram produzidas sobre o conflito envolvendo nacionais e estrangeiros, fato que ficou conhecido como Monges de Pinheirinho.

Palavras-chave: Imigração italiana, Política, Caboclos.

RESUMEN

El movimiento de los Monjes de Pinheirinho ocurrió en el año 1902, en una localidad que hoy pertenece a los municipios de Encantado y Roca Salles. Un acontecimiento aparentemente esporádico y diminuto en la historia de Rio Grande do Sul, hoy casi olvidado, pero una investigación más precisa puede ofrecer nuevas interpretaciones para el acontecimiento. Este es el objetivo de esta comunicación, presentar la discusión en la actual historiografía, cotejándola con fuentes documentales y también con la prensa buscando dar mayor visibilidad para la temática que envuelve religión y política en la historia gaúcha y de Brasil. Varios acontecimientos involucrando movimientos sociales con características religiosas marcaron la historia nacional, entre los más conocidos, en ámbito nacional, tenemos Canudos y el Contestado. En ámbito estadual podemos mencionar los Mucker, en el período imperial y relacionado con la inmigración alemana y también los Monjes Barbudos, este último, incluso en los cambios ocurridos durante el primer gobierno Vargas y principalmente con la instauración del régimen autoritario del Estado Novo en 1937. En este sentido, buscamos presentar algunas interpretaciones para los motivos que contribuyeron al conflicto entre caboclos e inmigrantes italianos de la región del Valle del Taquari. Metodológicamente nos utilizamos del análisis de contenido, analizando diferentes fuentes que fueron producidas sobre el conflicto involucrando a nacionales y extranjeros, hecho que se conoció como Monjes de Pinheirinho.

Palabras clave: Inmigración italiana, Política, Caboclos.

O espaço local/regional

(...) a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de construir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, Jacques. História e memória. 5ª ed. Campinas: Unicamp, 2003, p. 470)

Os bandidos sociais são proscritos rurais, encarados como criminosos pelo senhor e pelo Estado, mas continuam a fazer parte da sociedade camponesa, e são considerados por sua gente como heróis, como campeões, admirados, ajudados e apoiados. É essa ligação entre o camponês comum e o rebelde, o proscrito e o ladrão, que torna o banditismo social interessante e significativo (...). (HOBSBAWN, Eric. Rebeldes

Os Monges de Pinheirinho é um caso local e ainda pouco estudado. Ocorrido em 1902, no Vale do Taquari, interior do Rio Grande do Sul, numa região que atualmente pertence ao município de Roca Sales.

As origens do grupo estão interligadas a figura de um monge, João Francisco Maria de Jesus ou simplesmente Monge Chico. “Os crentes em coisas miraculosas afirmavam que ele [o monge] passava o rio Taquari sem auxílio de canoas, caminhando sobre a superfície das águas.” (A Federação, 12/05/1902, p. 1.) Segundo outros relatos temos que o referido monge “fazia ferver água para seus adeptos, sem auxílio de lume, apenas pela imposição das mãos”. (A Federação, 12/05/1902, p. 1.)

Sua ocorrência se deu numa sociedade de colonizadores italianos e de seus descendentes que pode ter contribuído para gerar o conflito que ocorreu entre os monges e os imigrantes.

A memória sobre os Monges de Pinheirinho está presente na geografia da região e podemos identificar sua presença nas lembranças da população dos municípios de Encantado, Muçum e Roca Sales (Linha Pinheirinho). Em 1902 a localidade de Pinheirinho pertencia a Encantado, numa distância de 8 km (THOMÉ, 1967, p. 109). Encantado, por sua vez, pertencia a Lajeado e o município de Roca Sales era conhecido como Conventos Vermelhos e pertencia a Estrela. Muçum era um distrito de Guaporé (GIARETTA, 2011, p. 9-10).

O ápice do evento, o conflito, ocorreu num tempo muito curto, durante o mês de maio de 1902, sob governo de Antônio Augusto Borges de Medeiros. As referências deste conflito estão dispersas em documentos oficiais, imprensa e em algumas bibliografias sobre a história de municípios daquela região, além de relatos orais. O estudo mais detalhado do episódio pode contribuir para uma compreensão do social, do político, tanto no âmbito local quanto regional daquele contexto histórico.

Os Monges de Pinheirinho através da historiografia e das fontes

As informações que temos sobre os Monges de Pinheirinho estão diluídas em algumas obras que buscaram relatar a história municipal de Estrela e Encantado. Até onde pudemos apurar somente Gino Ferri dedicou um estudo sobre os Monges de Pinheirinho (1975).

Lothar Hessel na obra O município de Estrela - História e Crônica fez uma rápida menção ao ocorrido de 1902 e relaciona-o com o caso dos Mucker do Ferrabraz (1873-1874). Segundo afirmou: “forma-se no distrito de Roca Sales um núcleo de fanáticos, vindos do distrito de Encantado, ainda município de Lajeado, à semelhança dos Mucker de Sapiranga e dos monges

do Fão, também município de Lajeado. Correu sangue.” (HESSEL, 1983, p. 142) Esta relação entre Monges de Pinheirinho e Mucker também foi defendida por Helio Moro Mariante,

(...) ao raiar do século a região do Alto taquari viu-se conturbada por um bando de fanáticos, constituídos de famílias remanescentes dos Muckers (...), procurava reviver nessa região, na época mata virgem, os efeitos de Antônio Conselheiro, transformando-o em um novo Canudos, ou, mais propriamente, dadas suas origens, de Jacobina e João Jorge Maurer, como réplica do Ferrabraz. (MARIANTE, 1972, p. 130)

Lauro Nélon Fornari Thomé, na obra O município de Encantado através do tempo, dedicou três páginas para relatar o episódio dos Monges de Pinheirinho (1967, p. 108-110). Segundo o autor, “em 1902, um grupo de caboclos vindo de Ilópolis, ou ao menos daquelas bandas, desceram por Anta Gorda e Barra do Guaporé, vindo a estabelecer-se à margem esquerda do Taquari, no Pinheirinho, atual município de Roca Sales.” (THOMÉ, 1967, p. 108)

A liderança foi atribuída a José Enéas, que se intitulava monge, ou era tido como tal e que possuía poderes divinos. (THOMÉ, 1967, p. 108). Segundo MARIANTE, “o bando, sob chefia de José Enéas, começou a praticar uma série de tropelias, depredações, incêndios e até assassinatos.” (1972, p. 130). Esta versão não pode ser confirmada em outras bibliografias ou fontes consultadas. Em outros documentos, como no caso do jornal A Federação, o líder está nomeado como João Enéas ao invés de José Enéas.

Sobre sua liderança e a reunião de pessoas em torno a si temos uma publicação do mês de maio de 1902 no jornal A Federação, intitulada fatos graves pormenores, na qual podemos ler que

(...) no dia 17 do passado, o subdelegado de Encantado, o sr. Guerino Lucca, preveniu por officio ao delegado de polícia, coronel Oscar Karnal, que achava-se acampado na linha Fernando Abbott, à margem esquerda do Guaporé, um monge, dizendo-se irmão de Antônio Conselheiro e santo como ele. Esse monge, denominado João Conselheiro, achava-se já rodeado de um grupo de homens armados, sendo por isso de recear algo. (A Federação. 12/05/1902, p. 1)

Referindo-se aos membros do grupo dos Monges de Pinheirinho, THOMÉ declara que “estavam entregues ao misticismo, andavam os componentes desse grupo, - chamados monges pelos moradores de Encantado, - apenas em rezas e procissões, arredios ao trabalho.” E, referente ao número de participantes indica que “os fanáticos compunham-se de 40 a 50 crentes, organizados em grupos, contendo inclusive mulheres e crianças.” (THOMÉ, 1967, p. 108)

Há uma discrepância referente ao número de integrantes do grupo, as indicações estão entre cinquenta, sessenta ou até duzentos “fanáticos”. Segundo FERRI, “(...) grande número de pessoas corria a ele [o monge], vindas de toda a parte, onde sua fama já chegara,

ultrapassando o número de 200 fiéis que se acercavam para ouvi-lo.” (1975, p. 59). Na obra de José Fraga Fachel, Monge João Maria: recusa dos excluídos, também menciona a presença de 200 pessoas. (FACHEL, 1995, p. 61). Rovílio Costa mencionou um número reduzido de membros do grupo. Partindo da correspondência de um agente consular de Encantado afirma que “(...) esse tipo de fanático se faz beijar os pés por parte dos seus 60 sequazes, alegando ser um novo redentor.” (COSTA, 1997, p. 181).

Mesmo não oferecendo perigo visível, “até aquele momento não constava a existência de delito algum praticado pelo grupo” (A Federação, 12/05/1902, p. 1), a população de Encantado, constituída de agricultores italianos, observavam os indesejáveis visitantes com curiosidade e medo, principalmente pela divulgação de que os membros dos Monges de Pinheirinho não trabalhavam, logo deveriam sobreviver de assaltos e saques, o que colocou Encantado estado de alerta (THOMÉ, 1967, p. 109).

Reinava grande alarme na colônia, temendo que o grupo se convertesse em núcleo revolucionário (A Federação, 12/05/1902, p. 1). Ainda segundo reportagem na imprensa, “o delegado de polícia, na ausência de fatos criminosos por parte dessa gente, tratou de recomendar de novo aquele subdelegado que observasse, visto que, se a reunião era simplesmente religiosa, sem ofensa a sociedade, sem atos criminosos não era de lei a intervenção.” (A Federação, 12/04/1902, p. 1).

O primeiro confronto ocorreu em 4 de maio de 1902, segundo THOMÉ motivado por um boato.

Soube-se aqui – pelo clássico dizem – que José Enéas e seu grupo, iria assaltar a casa de José Colombo. Napoleão Maiolli, subdelegado do distrito de Roca Sales, comunicou-se com Guerino Lucca, colega de Encantado, e organizou uma expedição tendo por finalidade a ida a Pinheirinho (8 Km de Encantado) para resolver com os próprios monges a situação incerta daquele grupo duvidoso. A expedição ficou composta de 12 pessoas. Os dois subdelegados, Eduardo Sattler (viajante de Porto Alegre), João Lucca, Pedro Mottin, João Ferri, Olderigi Bigliardi, Sílvio Lucca, João Sana, Pedro Turella, todos de Encantado, e sargento Vispo e Pedro Rotta, ambos de Roca Salles. (THOMÉ, 1967, p. 109)

O grupo, partindo de Encantado ao entardecer do dia 3 de maio de 1902, munidos de pistolas, espingardas e alguns fuzis de repetição, passaram a noite em marcha e no amanhecer do dia seguinte estavam diante do acampamento dos monges.

Segundo publicação no jornal A Federação,

Os bandidos ocupavam a casa do chefe, João Enéas. (...) Os bandidos, em número superior a trinta, resistiram, na casa, à bala e, saindo depois, travaram luta a arma branca. Morreram o caixeiro viajante desta capital Eduardo Sattler que voluntariamente incorporou-se à escolta, e João Lucca, industrialista residente em Encantado. Julga-se que o subdelegado Querino, não tendo ainda aparecido, esteja no

mato, ferido. Os bandidos perderam oito homens, morrendo um filho de Antonio Enéas, chefe da quadrilha, a qual mudou de acampamento. (A Federação, 6/04/1902, p. 1).

Após este confronto, os moradores de Encantado solicitaram a intervenção do governo estadual para reprimir os Monges de Pinheirinho, que se efetuou em 21 de maio de 1902, com o envio de soldados da Brigada Militar para a localidade, sob o comando do cel. Ramiro de Oliveira, que combateu os fanáticos, e tendo como saldo a morte de onze deles. (cf. THOMÉ, 1967, p. 110). Segundo o jornal O Taquaryense, a Brigada Militar esteve em contato antes de 21 de maio.

Passou terça-feira por esta cidade com destino ao município de Lajeado uma força de 100 praças da Brigada Militar, sob comando do major Juvencio de Lemos, (...). A marcha desse contingente da Brigada prende-se aos sucessos recentes ocorridos no Encantado, município de Lajeado, entre uma quadrilha de bandidos composta de algumas dezenas de homens, que infesta aquela região. (O Taquaryense, 10/04/1902, p. 2).

Segundo publicado no jornal A Federação, sob o título de Bandidos no Lajeado, “o governo do Estado, tendo tido ciência, ontem, destas ocorrências, fez seguir hoje, para Lajeado uma força da Brigada, de cem homens, sob o comando do major Juvencio Lemos, a fim de dar caça aos bandidos” (A Federação. 06/06/1902, p. 1). Na continuidade da reportagem consta os nomes dos oficiais presentes da força que seguiu a 1 hora da tarde, no vapor Taquary: os capitães Candido da Fontoura Pupe e Francisco Rath, tenentes Javenal Joaquim Teixeira e José Maria Vianna, alferes Jayme Francisco Rasteiro, Manoel Valentino Cabral, Accacio de Almeida e Ernesto Moreira Röhring.

Sobre o destino do líder do grupo dos Monges de Pinheirinho temos,

Segundo uns, o chefe dos monges teria fugido, vindo a morrer anos mais tarde, em Arvorezinha. Segundo outros, teria morrido em Muçum, ou melhor, teria sido morto em Muçum, pelas tropas da Brigada Militar. Ainda de acordo com a lenda formada em torno do episódio, teria o monge José Enéas sido enterrado de pé, com a cabeça para fora, porque – era crença – deveria ressuscitar no 5º dia, por ser imortal. (THOMÉ, 1967, p. 110.)

Segundo FERRI, o assalto das forças militares à cidadela dos monges resultou na rendição de sete seguidores e na morte do líder do grupo. “Os sete fanáticos são amarrados por cordas com as mãos às costas. Invadida a cabana, foi encontrado, já sem vida, o corpo do Monge Chefe, juntamente com outros adeptos.” (FERRI, 1975, p. 137)

Na tarde daquele dia do último combate, estando os soldados reunidos no acampamento, já com a presença de vários curiosos, residentes em Muçum e mesmo de Encantado, os sete presos, onde se notavam três com mais de vinte anos, foram compelidos a cavar uma cova a

poucos metros da estrada, para sepultar seus companheiros mortos no combate. Findo o funéreo trabalho de abertura da cova, os presos foram forçados a depositar nela os corpos dos companheiros, sendo que, o Monge Chefe foi enterrado de cabeça para baixo, com os pés para fora, e, para que os animais ou aves de rapina não se aproximassem, cobriam-nos com paus e pedras. – Assim não há de ressurgir! – comentavam os curiosos. (FERRI, 1975, p. 140)

Na matéria publicada no jornal A Federação em 12 de maio de 1902 identificamos a ocorrência de diversas reuniões entre os comandantes da Brigada Militar, o delegado do município, além de diversas informações trocadas através de telegramas e cartas entre estes e os intendentess municipais, além das ordens do comando da Brigada Militar e seus representantes na localidade sobre o caso dos Monges de Pinheirinho. Na parte final da matéria temos a descrição da crise que se instaurou na região, onde diversos municípios contribuíram com homens e armas para restabelecer a ordem no município de Encantado.

O fim das operações militares que combateram os Monges de Pinheirinho foi apresentado no relatório apresentado a Antonio Augusto Borges de Medeiros em 1902. Neste documento consta a síntese das alterações e ações ocorridas na Brigada Militar entre 1º de junho de 1901 a 31 de maio de 1902, documento assinado pelo major Juvencio Maximiliano Lemos. No documento temos,

A ala esquerda do 1º batalhão de infantaria, em virtude de ordem emanada do vosso governo, seguiu a 6 de maio último para a zona colonial do Alto taquari, no intuito de bater os fanáticos e bandidos que ali perturbavam a ordem pública e depredavam a fortuna particular. Foi completo o êxito da força, que conseguiu exterminar aquela orda, assegurando assim o sossego dos habitantes da ubérrima região agrícola. Com medida preventiva ficou destacada, no Encantado, a terceira companhia, sob o comando do capitão Francisco Rath.

Por fim, destacamos as Mensagens enviadas à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul pelo presidente Borges de Medeiros. Neste documento há uma menção ao ocorrido em Lajeado. Na leitura deste documento percebemos a necessidade de ressaltar a existência da ordem interna, a paz fecunda e duradoura no viver riograndense. Destaca-se igualmente que “nenhuma sombra se projeta nos amplos horizontes do território do Estado. A tranquilidade geral não sofreu a mais leve perturbação; a segurança de vida e de propriedade é tão completa quanto possível.” Identificamos que o discurso de Borges de Medeiros estava relacionado com questões políticas do Rio Grande do Sul, porém foi necessário mencionar o caso de Lajeado, fato que permite presumir que o mesmo não foi tão insignificante quanto deseja o governo estadual.

Segundo o documento temos,

No município de Lageado, um bando de malfeitores, congregados pelas práticas supersticiosas e imorais de um imbecil perigoso, chegara a despertar no ânimo de seus laboriosos habitantes sérias apreensões, tanto maiores quanto tinha crescido a audácia dos criminosos, depois que, travando luta com as autoridades locais, haviam trucidado dois prestantes cidadãos, que nobremente se expuseram aos golpes homicidas em defesa da lei e da moral ultrajada. No intuito de restabelecer prontamente a ordem nessa afastada região, (...) partiu desta capital, a 6 de maio último, a ala esquerda do 1º Batalhão de Infantaria, sob o comando do respectivo major fiscal. Após alguns dias de perseguição tenaz conseguiu essa força dissolver o ajuntamento dos malfeitores, sendo capturados alguns deles e perecendo outros na resistência vã que tentaram ainda impor.

Encerradas as ações contra os Monges de Pinheirinho, estes foram nomeados por Borges de Medeiros como malfeitores, criminosos, que teriam trucidado cidadãos de Lageado, pessoas de práticas imorais e supersticiosas. O discurso político transformou um acontecimento local numa vitória do Partido Republicano Riograndense, que manteve a ordem e a segurança no estado gaúcho, ou seja, mantendo a “normalidade quase perfeita”.

A questão das terras e a imigração no conflito entre caboclos e imigrantes italianos

Outra interpretação que pode contribuir para compreendermos o conflito entre caboclos e imigrantes italianos no Vale do Taquari está atrelada a posse da terra e a exclusão desta. A ocupação de Encantado por parte dos imigrantes italianos deu-se por volta de 1882. Com o passar do tempo teve início os conflitos entre imigrantes italianos e os caboclos, já instalados anteriormente na região do vale do taquari.

Os caboclos produziam erva-mate em sua maioria. SCHEID aponta alguns motivos que podem ter contribuído para a comunidade italiana não ter aceitado estes caboclos: “não possuírem títulos de propriedade das terras, registros de nascimento e de casamentos; por não mandarem seus filhos à escola e, (...) por não pagarem impostos e, por consequência, não terem direito ao voto.” (SCHEID, 2003, p.71)

A assinatura da Lei de Terras em 1850 propiciou acesso à terra somente exclusivamente pela compra, excluindo os posseiros deste processo, não considerando o usucapião e não deixando defesa jurídica a estes ocupantes das terras devolutas.

Intermediada por empresas colonizadoras particulares, imigrantes alemães e italianos compraram propriedades na região do Alto Taquari. “(...) as empresas imobiliárias expulsavam estes posseiros, quando mediam e vendiam os lotes coloniais aos imigrantes. (SCHIERHOLT, 1989, p. 121-122.) Esse fato acabou “obrigando os caboclos que ocupavam as áreas ribeirinhas do rio Taquari a tomar o rumo da região serrana do mesmo vale” (cf. SCHEID, 2003, p. 71).

Apontamentos finais

Enfim, com este estudo preliminar, buscamos demonstrar que para além da questão religiosa podemos identificar a presença de outros interesses que contribuíram para os trágicos acontecimentos ocorridos no ano de 1902 em Encantado. A questão da posse terra, a colonização da região, a Lei de Terras e questões políticas as quais financiavam a presença de imigrantes italiana em detrimento dos caboclos da localidade.

Fontes

A Federação. Maio de 1902.

O Taquaryense. Maio de 1902.

Relatório apresentado ao Sr. dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros, presidente do Estado do Rio Grande do Sul pelo dr. João Abbott, secretário de Estado dos negócios do interior e exterior em 20 de agosto de 1902. Porto Alegre: Oficinas Tipográficas de Emílio Wiedemann & Filhos, 1902. (Relatório de 1902 - AHRGS – SIE 3-011)

Mensagens enviadas a Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul pelo presidente Antônio Augusto Borges de Medeiros em 20 de setembro e 15 de outubro de 1902. Porto Alegre: Oficinas Tipográficas d'A Federação, 1902. Na 2ª Sessão Ordinária da 4ª legislatura. Em 20 de setembro de 1902.

Referências

COSTA, Rovílio ET AL. **Povoadores das colônias Alfredo Chaves, Guaporé e Encantado**. Porto Alegre: EST Edições/Correio Riograndense, 1997.

FACHEL, José Fraga. **O monge João Maria: recusa dos excluídos**. Porto Alegre; Florianópolis: Editora da UFRGS/UFSC, 1995.

FERRI, Gino. **Os Monges de Pinheirinho**. Encantado: Grafen, 1975.

FILATOW, Fabian. **O movimento dos Monges Barbudos: do sagrado à heresia**. Rio de Janeiro: Gramma, 2017.

GARIETTA, Mircele. **Os monges de Pinheirinho no Vale do Taquari e relações com movimentos messiânicos brasileiros**. Lajeado: Univates, 2011.

HESSEL, Lothar. **O município de Estrela - História e Crônica**. Porto Alegre: Ed. da Universidade – UFRGS; Martins Livreiro, 1983.

HOBBSAWN, Eric. **Rebeldes primitivos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5ª ed. Campinas: Unicamp, 2003.

MACHADO, Maria Lisane. **Os Monges do Pinheirinho: a outra face**. 55f. Trabalho de

Conclusão do Curso de graduação em História do Centro Universitário Leonardo da Vinci UNIASSELVI, 2010.

MARIANTE, Helio Moro. **Crônica da Brigada Militar Gaúcha**. Porto Alegre: Imprensa Oficial Editora, 1972.

SCHEID, Denise. **Monges de Pinheirinho conflito social e messiânico no Vale do Taquari**. IN: Semina: cadernos de Pós-Graduandos do Programa de Pós-Graduação em História / Universidade de Passo Fundo, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Passo Fundo: UPF, 2003, p. 70-76.

THOMÉ, Lauro Néelson Fornari. **O município de Encantado através do tempo**. [SI.] [S.n.], 1967.